

LITERATURA INFANTIL: VALE O QUE É BOM

Maria Helena Werneck

UERJ - Letras

ORTHOF, Sylvia. *Os bichos que tive (Memórias Zoológicas)*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1983.

ORTHOF, Sylvia. *Se a memória não me falha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

NUNES, Lygia Bojunga. *Tchau*. Rio de Janeiro, Agir, 1985.

Entrando numa livraria em busca de um livro para presentear uma criança, hoje encontramos muito mais que os tradicionais contos de fadas e algumas memoráveis histórias cujos personagens são animaizinhos humanizados. Surpresos com o tanto a escolher, podemos deixar-nos levar pela sugestão do “mais vendido”, veiculada pelos jornais, ou capitular diante da indicação do “mais indicado pelas escolas”, acenada pelo livreiro. Se cairmos em tentação podemos acabar folheando, e até mesmo lendo alguns dos livros infantis dispostos na prateleira. A quantidade de títulos disponíveis e a qualidade gráfica da maioria deles podem nos fazer sentir de certo modo lesados porque na nossa infância as opções eram muito menores. Entre a nostalgia e a decisão, maravilhados pela oferta generosa, a hesitação antecede o gesto: o que vamos enfim escolher?

A cena na livraria nos coloca em contato com a realidade de um aspecto da produção cultural brasileira diretamente beneficiada pela adoção de modelos capitalistas e realizadas com eficiência pela indústria editorial, principalmente a partir da década de 70. Colhendo os benefícios e sofrendo os percalços do modo industrial de produção da cultura, a literatura infantil no Brasil construiu uma “recente e irregular tradição” (LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil. História & Histórias*. S.P., Ática, 1985).

Lendo-se retrospectivamente, percebe-se que esta tradição caminha no sentido de livrar-se da cerceadora aliança entre o livro infantil e a educação. Vão escasseando nas livrarias histórias cuja formulação deixa clara a intenção pedagógica, por trás de um enredo esquemático e de um conjunto de personagens facilmente reconhecíveis seja na dramatização das relações sociais, seja na representação dos “mistérios” da natureza. Entretanto, não se pode, ainda, afirmar que a literatura feita para crianças no Brasil esteja livre de outros comprometimentos. O primeiro deles é consequência do interesse do capital em ampliar um mercado despertado na década de 70, que se mostra, ainda, propício à expansão. Nesse sentido, as editoras tiram partido de um público duplo — adulto e criança — que expressa, por enquanto, pouca exigência na seleção dos títulos para leitura e rápida absorção de artifícios promocionais. O segundo comprometimento decorre do fato de o livro infantil ainda estar fortemente atrelado à instituição escolar, espaço de circulação que pode desviar o livro de literatura de sua finalidade básica de conduzir a criança na experiência do ficcional, do poético, quando lhe dispensa um tratamento que o equipara ao livro didático.

Voltando ao primeiro comprometimento, percebemos que ele comporta duas faces contraditórias e, talvez por isso mesmo, férteis em sua dinâmica. Para atender ao mercado generoso nas compras e nas críticas, investe-se na repetição de fórmulas consagradas e edita-se com tão voraz periodicidade que se pode colocar em dúvida o teor de criação artística de títulos tão velozmente concebidos. Olhando por outro lado, esta demanda de títulos assegura, no entanto, a alguns escritores e ilustradores um espaço de experimentação que recupera o objeto para a série artística que, em se tratando de livro infantil, apresenta-se compartilhada entre as linguagens da literatura e das artes plásticas.

Duas autoras já incorporadas à recente tradição da literatura infantil brasileira, Sylvia Orthof e Lygia Bojunga Nunes, conquistaram para suas obras este espaço de experimentação, ocupado por cada uma à sua maneira.

A maneira de Sylvia Orthof parece construir-se a partir do humor e da irreverência, quando surpreende o engraçado, até o grotesco, em situações, personagens, objetos e na invenção lúdica da língua. Sob a capa do olhar de todo-o-dia, sob o valor moeda de troca que o uso cotidiano da língua impõe às

palavras, surge, nos textos de S. Orthof, o imprevisto que associa o poético ao riso. Entre os inúmeros títulos que tem publicado em diferentes editoras, tiramos dois das prateleiras: *Os Bichos que tive (Memórias Zoológicas)* e *Se a memória não me falha*.

O último livro constitui um hiato reflexivo no conjunto da produção da autora, que se auto-apresenta possuída de uma “frenética doidice de escrever” e assume com tranqüilidade que a sua escrita se faz acionada pelas duas forças – a premência do objeto pronto para satisfazer a indústria editorial e a liberdade de experimentar em busca da criação que libera a obra além da destinação pré-definida: “Este livro foi escrito para adolescentes. As editoras andam querendo textos para jovens. Eu acho que isto não existe e, se a memória não me falha, já falei nisso. Livro para jovens ou livro para adulto, é tudo o mesmo. *Vale, se for bom.*” (*Se a memória não me falha*, grifo nosso).

Neste segundo texto de memórias, Sylvia combina temas que podem atrair a fugidia leitura do adolescente, como o primeiro beijo, o desejo (tão moderno) de ser atriz, as aprontações no colégio e os estudos de teatro na França, com uma visão particular de dois momentos históricos vividos na sua infância: a ditadura do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro momento é retratado através do episódio do encontro de corais escolares que se apresentam, sob a regência de Villa Lobos, para o presidente Getúlio Vargas. Aqui a narrativa se vale do humor para desmascarar a pretensão de se promover espetáculos estudantis tão ao gosto dos regimes fascistas, mostrando a sua contraface muito pouco disciplinada: o suplício a que eram submetidas as crianças, a desafinação geral das vozes infantis, a brincadeira com o diapasão da professora regente. A ótica intimista comanda as lembranças de guerra que, na perspectiva infantil, coincidem com o alargamento da genealogia familiar a partir da chegada da família judia, refugiada então no Brasil: “Na nossa casa, onde vivíamos tranqüilos, meu pai, minha mãe e eu, chegaram parentes aos borbotões. Todos vinham de longe, da Europa, não falavam português.”

Aos poucos, sob o comando da memória, as relações não compreendidas na infância são revisitadas e explicadas no seu lado mais verdadeiro, até então encoberto pelos papéis que as

pessoas representavam na família. O tempo e a escrita que o desvenda operam uma revisão nos afetos e nas imagens que a memória fixara: “*Escrevo*, e começo a ter uma grande simpatia por minha avó, assim, vista através dos anos, loura e cantante, dando aulas de canto para angariar um dinheirinho extra. Tinha voz de meio soprano.” (grifo nosso).

Longe de contentar o ritmo febril das narrativas de aventuras que se convencionou serem as de mais agrado do adolescente, a autora prefere procurar inspiração em outra vertente da literatura não-infantil: a prosa de ficção concebida como narrativa de memórias, com toda a retórica que a tradição consagrou: a narração fragmentada e sem cronologia rígida, a reflexão sobre o fazer discursivo (“Pensei que escrever acontecesse assim: a gente ia se lembrando, lembrando e escrevendo em seqüência certa de tempo. Mas não é: a memória é um dos grandes mistérios”), o levemente machadiano capítulo introdutório (“Tem algo a ver com memórias, mas são umas coisinhas curtas, com verdades e fantasias, saltos no tempo. Havia um ponto em comum: as falhas. (...) Aí surgiu o nome: SE A MEMÓRIA NÃO ME FALHA”).

Ao dramatizar a sua dificuldade em contar uma história sob o registro da memória, Sylvia Orthof recupera para o texto escrito um tipo de relação com o leitor que costuma praticar nos encontros com crianças em escolas. Nestes ambientes, a sinceridade sem papas na língua revela-se sua marca registrada. No entanto, ao passar para a escrita os princípios desta relação, o texto fica irregular e a narração tende para um certo abuso da confiança do leitor que pode parecer pouco caso do autor. A desculpa final da narradora aponta para a consciência do deslize:

“Pois é querido leitor, ou querida leitora... Eu enjoei também de continuar a contar coisas. Agora preciso de um bom recreio, mas não veja neste meu enjôo um gesto sem carinho”.

Nesta incursão pela narrativa de memórias, a escrita pode ter tentado contemplar o interesse do adolescente e formulado um texto de “fácil leitura”. Pode, ainda, ousando outra via, ter arriscado na tentativa de diálogo com a tradição da literatura não-infantil. Mas ao final da leitura é inevitável a comparação com o primeiro texto de memórias de Sylvia, este sim, mais próximo da linguagem que a autora vem aperfeiçoando livro a livro. *Os Bichos que tive (Memórias Zoológicas)*, suporta me-

lhor uma avaliação que exija qualidade da criação e não subestime a recepção espontânea da criança que lê e escolhe seus preferidos.

Nas *Memórias Zoológicas*, a narradora descobre uma forma deliciosa de contar a infância: através da galeria de bichos que conviveram com ela, mesmo que num curto período de tempo. Os capítulos são ordenados sem uma cronologia muito precisa e se desenvolvem através de histórias independentes, mas que se articulam a partir da surpresa na composição dos bichos e da sucessão de quíprocos e mal-entendidos em que eles e a personagem-narradora acabam metidos.

Em *Os Bichos que tive* não vamos encontrar animaizinhos domesticados pelo convívio entre quatro paredes, muito menos porquinhos, macacos e gatinhos que representam alegoricamente seres humanos. Os bichos das *Memórias Zoológicas* não perdem sua identidade de espécie animal. Sua presença pouco adestrada desmonta, através da gargalhada e da fina crítica, cenas sociais restritas aos espaços domésticos (o batizado da rã Santa Aurora para o qual afluem mães e crianças engomadas pensando tratar-se de batizado de bebê recém-nascido; a pouca cerimônia do coelho Oz que devora as cenouras da salada no jantar de família). Ao lado dos rebeldes, as memórias recuperam também os animais inusitados como o “bicho de pé de estimação” e certas figuras, assustadoras ou irresistíveis — o bicho papão e o bicho carpinteiro —, a nomear emoções que só pertencem à infância.

Na seleção dos episódios a contar e a lembrar sobressai o compromisso de valorizar a imaginação sem limites da criança, como no capítulo em que a menina pede uma nuvem e recebe uma rã de presente (“Quando papai voltou de viagem, trouxe uma rã, em vez de nuvem. Achei a troca meio maluca, mas eles eram adultos, achavam que rã valia igual a nuvem, com certeza. Ou quem sabe, por cima das nuvens, pulavam rãs? Meu pai deve ter estendido o braço, pela janela do avião, e pescado a rã na nuvem”). Entrar no jogo da imaginação, mas não no da mentira, é condição para o destaque de alguns personagens adultos, como Vovó Malva, que “era verdadeira” e “dizia que criança não deveria NUNCA levar adulto a sério”, e Seu Mamede, “que entende as crianças”. São eles que, junto com os bichos, questionam a nem sempre discutível relação de autoridade e repressão entre adulto e criança e encarnam o

elogio da alegre irreverência e da liberdade, contra o conformismo face à modelização do comportamento humano.

A relação autoritária entre adulto e criança é também um motivo da obra de Lygia Bojunga Nunes. Sua maneira de contar esta relação, no entanto, está longe da irreverência e do humor desnordeante de Sylvia Orthof. Nos livros de Lygia, as personagens crianças realizam, com frequência, um mergulho dentro de si mesmas para, através da fantasia, reconstruírem uma identidade autônoma, livre, então, dos padrões repressivos e exemplares que os adultos projetam para elas.

Diante da recente tradição da literatura infantil brasileira, a maneira de Lygia Bojunga escrever se destaca tanto que é possível, diante de *Tchau*, encontrar um leitor adulto disposto a indagar “Mas isso é um livro infantil?” A pergunta, por um lado, acusa não só a prisão a um certo estereótipo acerca da produção da literatura infantil, mas também total desconhecimento desta escritora premiada em 1982 com a medalha Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra, prêmio concedido pelo IBBY (International Board on Books for Young People). A dúvida, por outro lado, indica uma qualificação a que poucos textos de literatura infantil podem aspirar — a qualificação de serem lidos com prazer, inteligência e emoção por leitores adultos e crianças ou adolescentes.

Tchau, última obra de Lygia e, de certa forma, uma síntese de suas criações anteriores, é um livro de quatro histórias. Histórias de despedidas e de novos encontros, após uma separação. As histórias de despedidas são duas. Em “Tchau”, narrativa que dá título ao livro, o narrador acompanha os movimentos e as emoções de uma menina que participa das cenas do fim do casamento de seus pais. Entre o pai que fica, e a mãe que, apaixonada por outro homem, abandona a casa e as crianças para viver a nova paixão, Rebeca torna-se leitora de faces, gestos, objetos e falas que povoam este momento de crise. Decifrando os signos da paixão, Rebeca se admira com o *buquê* que a mãe recebe; presta atenção na súbita transformação do seu *rosto* (“... foi chegando disfarçado pra perto do telefone, sem tirar o olho da Mãe. Franziu a testa: a mãe estava parecendo nervosa, encabulada; mas muito mais bonita de repente (...) e constrói, através da troca de mudos olhares, um pacto: “E durante um tempo ficaram as duas se olhando.” que culmina com a revelação da Mãe: “Eu me apaixonei por outro homem, Rebeca.”

Numa seqüência simétrica à compartilhada com a Mãe, Rebeca se defronta com o pai que também a escolhe como interlocutora de sua tristeza: “A sua mãe não gosta mais de mim”. Aqui o objeto a ser decifrado são os copos vazios sob a mesa do botequim (“Rebeca olhou pra mesa: cheia de copo vazio. Será que era o Pai que tinha bebido aquilo tudo?”). No meio do conflito adulto, Rebeca, a personagem criada por Lygia Bojunga, não perde, entretanto, a sua condição de criança, alçada pelas confidências dos pais a certo status adulto. No momento crucial da despedida, o terceiro objeto a ser decifrado se apresenta – *a mala de viagem* da mãe, e passa a ter um novo significado, segundo a lógica infantil: é “arma” que pode impedir a mãe de partir. Agarradas à mala, a Mãe e Rebeca duelam na bela e violenta seqüência final do conto, onde a intermediação do narrador desaparece para deixar falar a voz de Rebeca que, sozinha mas com a mala guardada debaixo da cama, aposta no breve retorno da Mãe.

Sem pieguismo ou facilidades didáticas, Lygia aborda uma questão dos dias de hoje. Distante do apelo que o tema pode conter, o texto tira sua força da segura habilidade de narrar as tensões interiorizadas com invenção e poesia.

“A troca e a tarefa” poderia ser a segunda história de despedida. Uma espécie de mito de Fausto para crianças, a narrativa em primeira pessoa, conta sob a forma de memórias a trajetória de uma adolescente que descobre, através de um pacto-sonho, o poder de transformar (ou “trocar”) sentimentos, emoções, a vida em literatura (“Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história que eu resolvi que era assim que eu queria viver: transformando. Foi por isso que eu me virei em escritora.”) Prestes a concluir seu 27º livro, vem a segunda revelação: a vida da escritora terminaria quando tivesse terminado o 27º livro – o término da tarefa. A seqüência final do texto, em que a narradora-escritora se debate entre a sedução pela escrita e a presença da morte, despedida da vida, alia o verbal e o visual-gráfico para redimensionar em sentido simbólico a paixão pela arte literária. Este final do conto redimensiona, ainda, o objeto livro que está em nossas mãos, cuja capa – “janela escancarada para o mar” abre-se para sugerir um pouco de “toda a vida azul turquesa e de calmaria” e recolocar em diálogo com a escrita a sensível linguagem das imagens de Regina Yolanda.

As histórias de reencontro, menos densas, desenvolvem-se a partir de personagens masculinos que descobrem parceiros substitutos numa relação de amizade que supera diferenças. Em *O Bife e a Pipoca*, as diferenças entre dois meninos são as de classe social. Em *Lá no Mar*, uma bela alegoria sobre a solidão na velhice, as diferenças ultrapassadas são as da idade.

Se *Tchau* é capaz de fazer o leitor desavisado questionar a destinação da obra, é capaz também de surpreender aqueles que já conhecem os livros anteriores da autora. Mesmo reconhecendo aqui e ali segmentos de enredo e traços de personagens de outros textos (como Maria da *Corda Bamba* anuncia Rebeca de *Tchau*, Rachel de *A Bolsa Amarela* prepara a narradora escritora de “A Troca e a Tarefa”), o leitor adulto fica certo de que a ficção de Lygia Bojunga inscreve-se na vertente intimista da literatura brasileira, aquela que tira da extrema tensão interiorizada um seguro rendimento narrativo. Entretanto, mesmo tensionados, conflituados e, por vezes, plenos de melancolia, os personagens de Lygia não perdem nunca sua dimensão de criança, seja nas atitudes e reações, seja no espontâneo despojamento de sua linguagem. São eles, afinal, que tecem o ponto de encontro dos textos de Lygia com os pequenos leitores.

Lendo os trabalhos de Sylvia Orthof e Lygia Bojunga Nunes fica a certeza de que já não é mais tempo de olhar para o livro infantil como quem cuida de um rebento a precisar de nome para ser identificado e de proteção para, até certa idade, crescer em boas condições. A atitude de quem, hoje, se volta para a literatura infantil com o desejo de adquirir um livro para presentear, com a intenção de selecionar um texto para ler com os alunos ou, ainda, com o interesse de tomá-lo como objeto de crítica, deve ser a de quem exige qualidade. Uma postura que não recusa colocar frente a frente a produção destinada ao público infantil e a literatura não-infantil, procurando na série literária paradigmas para confronto do texto destinado a crianças. A exigência do adulto que escolhe não pode, no entanto, passar ao largo do encantamento que o livro infantil deve procurar no leitor criança. Qualidade literária sem preferência infantil gera assimetria entre a recepção do adulto e a da criança, com o perigo de fuga decepcionada da experiência, da leitura. As *memórias* de Sylvia e o *Tchau* de Lygia Bojunga respondem às duas exigências e convidam para outros encontros com o livro, nunca despedidas.